

APM, vista pelos sócios... passado, presente e futuro

Introdução

No editorial da E&M n.º 1, publicada em Janeiro de 1987, afirmava-se logo no início «A criação da APM constitui, sem dúvida, um facto novo no panorama do Ensino da Matemática em Portugal. Surgindo como um movimento organizado de renovação no qual se empenharam algumas dezenas de professores de diferentes graus de ensino, a APM é encarada de modos muito diversos: com alguma esperança por muitos, com expectativa por outros, talvez com receio por terceiros. Mas antes de discutir os desafios que se lhe colocam, importa analisar os seus antecedentes, a sua razão de existir (...)» e terminava referindo «A APM é uma aposta difícil mas que vale a pena fazer. Se ela for ganha, então temos boas razões para acreditar que os professores de Matemática poderão desempenhar um papel decisivo na renovação da Educação Matemática no nosso país. Que bem precisa é.» ...

Hoje, passados 25 anos, a APM é uma aposta ganha, mas importa continuar a reflectir sobre a Associação e a Educação & Matemática associa-se a essa reflexão, através da publicação de dois textos e de testemunhos de sócios.

Um dos textos é a tradução de parte de um artigo da autoria de Paulo Abrantes, publicado, em 1997, na revista espanhola Epsilon, que enquadra a criação da APM no movimento associativo dos anos 80 e destaca as suas principais características. Em particular, fala-nos sobre o potencial da APM no desenvolvimento profissional e no surgimento de uma nova identidade profissional dos professores de Matemática.

O outro texto fala-nos sobre tentativas (goradas) de criação de uma associação de professores de Matemática nos anos 70, atribuindo-se o fracasso em primeiro lugar à situação política que se vivia na altura. É da autoria de Mária Almeida que integra o Grupo de Trabalho sobre História e Memórias do Ensino da Matemática (GTHMEM) da APM, que se propõe dar um contributo e suporte histórico para a análise do ensino da Matemática, tal como a autora refere «O GTHEMMat é um grupo de trabalho da Associação de Professores de Matemática

(APM) criado em 2009, que tem por objectivos recolher, estudar, preservar e divulgar documentos e memórias relacionados com todas as dimensões do ensino e da aprendizagem da matemática. São igualmente seus objectivos promover a comunicação e discussão de ideias e trabalhos sobre história do ensino da Matemática e, contribuir para um conhecimento mais alargado da história do ensino da Matemática, nomeadamente entre os professores desta disciplina».

E, quem melhor que os sócios para reflectir sobre a Associação? Procurámos o sentir de sócios fundadores, com 25 anos de associação, e de sócios que entraram este ano, 25 anos depois; e também de sócios com 25 anos, idade que vários dos sócios actuais tinham há 25 anos; sócios com idades diversas (nem sempre os mais recentes são os mais novos), de todos os graus de ensino e de regiões diversificadas. Colocámos-lhes três questões:

- 1.ª O que o levou a ser sócio da APM?
- 2.ª Se alguém lhe perguntasse o que é a APM, o que diria (numa única frase)?
- 3.ª O que espera da APM no futuro?

Dos 140 sócios fundadores, 61 mantém a quota actualizada, sendo 26 do ensino superior e 35 do ensino básico e secundário. Até à data da realização do questionário, tinham-se inscrito este ano, 25 anos após a fundação da APM, 43 sócios e os sócios com 25 anos de idade são 5. Enviámos as questões a 30 sócios fundadores, 23 dos novos sócios e aos 5 sócios com 25 anos. Obtivemos 18 depoimentos, sendo 14 de sócios fundadores (7 do ensino superior e 7 do ensino básico e secundário); 2 de novos sócios e os restantes 2, sócios com 25 anos.

Os testemunhos dos que responderam são um bom contributo para o debate sobre o associativismo e o seu papel na política educativa e a importância da APM para que os professores, como refere Rui Canário no editorial, tomem a palavra.

As redactoras: Ana Luísa Paiva, Cristina Tudella, Manuela Pires

Depoimentos

O que o levou a ser sócio da APM?

As razões de sócios fundadores

Nos sócios fundadores há professores que viram a necessidade de criação de uma associação de professores e outros que se foram envolvendo durante o processo de criação. Pelos seus testemunhos passa muito da história da APM, origem, objectivos, influências, constituição, organização e estilo de trabalho.

Para os professores que estiveram na génese do movimento que deu origem à APM, que promoveram o debate de ideias e também a organização de várias reuniões preparatórias, bem como do 1.º ProfMat, realizado em 1985 em Lisboa e

do 2.º ProfMat, realizado em Portalegre onde se constituiu a Associação, a pergunta «O que o levou a ser sócio da APM?» não faz grande sentido, como afirma João Pedro da Ponte, sócio n.º 16: «Quando não existia APM, promovi diversas reuniões para se discutir a sua criação. Na sequência dessas reuniões realizaram-se muitas actividades e a criação da APM envolveu muito trabalho preparatório. No dia em que a APM foi criada não me passou pela cabeça não me registar como membro».

Para outros professores, a criação da APM e ser seu sócio foi a sequência natural do trabalho de formação que existia na altura, como testemunha Lourdes Cangeiro, sócia n.º 140 «Em 1980, foi alterado o modelo de estágio dos 2.º, 3.º Ciclos

e Secundário. Foi criada a Profissionalização em Exercício. Um estágio de dois anos, (pela primeira vez, foram abrangidas três áreas de formação) que tinha como ponto de partida as necessidades de formação dos formandos e, até, da própria escola. Era um sistema de formação mais global e mais profundo; propiciava mais reflexão e mais intervenção; privilegiava a auto e a hetero-formação, quer dos formandos, quer dos formadores, bem como dos formadores de formadores (Orientadores Pedagógicos à Profissionalização — OPs).

Durante esses anos, fiz parte do grupo de OPs do 2.º ciclo, da zona de Lisboa, juntamente com colegas bem conhecidos como, p.e., Leonor Filipe, Cecília Monteiro, Leonor Moreira, M^a José Pagarete, Henrique Guimarães. Foram anos de grande exigência, de muita pesquisa e reflexão, sempre tendo como base a partilha de saberes e experiências. Quando foi anunciado o fim da Profissionalização em Exercício, todos nós, e não só nós, sentimos que era fundamental dar continuidade a esta vivência de formação. E, foi, muito, a partir deste tipo de interacções de construção do saber, que nasceu, e floresceu, a APM.

Mas também há sócios fundadores, que estavam então a terminar o curso ou no início da carreira e que foram motivados pelos seus professores universitários ou por colegas. Pelos seus testemunhos perpassa emoção, motivação, identificação com uma luta por melhorar o ensino da matemática, mas que, por vezes, vai para além disso e se torna numa militância mais profunda, como referem Manuel Emídio Costa, Ana Paula Canavarro e Fátima Mendes, que é a sócia fundadora mais jovem a responder.

Fátima Mendes, sócia n.º 15, foi a primeira a responder às nossas questões num registo vibrante e na volta do correio: «Há 25 anos tinha 23 anos e era professora na cidade de Portalegre há dois anos, depois de ter acabado o curso. Sempre gostei de aceitar desafios e propuseram-me, nessa altura, organizar um encontro de professores de Matemática naquela cidade. Aceitei o desafio e passei a ser membro da Comissão Organizadora, no âmbito da qual fiz de tudo um pouco, mas da qual tenho óptimas recordações. No Encontro reencontrei professores meus, o Paulo Abrantes e o Raul Carvalho, professores que me fizeram gostar ainda mais de Matemática e de ser professora de Matemática. Deixei-me contagiar pela esperança de tornar o ensino da Matemática mais atractivo para os alunos, de modo que todos gostassem da Matemática e de aprender Matemática. Por isso, fiquei muito orgulhosa quando propuseram que os membros da Comissão Organizadora desse ProfMat pertencessem à primeira Direcção da Associação e fossem considerados membros fundadores. E foi assim que me tornei a sócia n.º 15 da APM, ao lado de pessoas que eu muito considerava (e considero), com apenas 23 anos. E passados 25 anos, considero-me uma privilegiada por ter feito parte do momento importante da criação da APM e continuo orgulhosa por ser a sócia n.º 15.»

Manuel Emídio Costa, sócio n.º 92: «Na altura em 1987 tinha as ilusões de quem tinha acabado a licenciatura. Por influência de amigos fomos a Portalegre e aí tornei-me sócio. Queria ajudar a mudar o mundo e a APM para mim respondia e responde às minhas ilusões.»

Ana Paula Canavarro, sócia n.º 106: «A APM nasceu no ano em que eu terminei a minha licenciatura como professora de Matemática. Tinha ido ao primeiro ProfMat apresentar um

trabalho realizado ainda como aluna, pela mão de João Pedro da Ponte, e estive no segundo ProfMat em Portalegre, realizado quando concluí o estágio. Naquele ambiente contagiante, era quase impossível não me ter associado».

Outros professores, também jovens, mas já não em início de carreira, aderiram à APM por uma necessidade de dar corpo à renovação da matemática e ao seu desenvolvimento profissional, caso de José António Duarte, Elvira Santos e Cristina Loureiro.

José António Duarte, sócio n.º 9: «O que me levou a ser sócio, na altura, foi a vontade de abraçar o movimento de renovação do ensino da Matemática que nascia e se fazia sentir num conjunto de iniciativas de inovação no âmbito da Didáctica da Matemática. Esse movimento partiu de um conjunto de professores, sócios da SPM, de que não posso deixar de destacar os nomes do Paulo Abrantes, do João Pedro, do Raul Fernando e do Zé Manuel Matos»

Elvira Santos, sócia n.º 67: «O que me motivou a ser sócia, desde a primeira assembleia em Portalegre, foi sentir que era importante criar uma associação em que os próprios professores pudessem ser motores do seu desenvolvimento profissional. Contribuir para a partilha de saberes através da formação e da discussão».

Cristina Loureiro, sócia n.º 12: «Nos primeiros anos da minha profissão como professora do Ensino Secundário apercebi-me rapidamente dos vários desafios que se colocavam ao ensino da Matemática. Nomeadamente, contactei com grupos internacionais que intervinham no ensino desta disciplina e pude constatar que, em outros países, professores e organizações independentes pensavam e discutiam sobre o ensino da Matemática. Constatei assim que havia alternativas ao ensino desta disciplina. Particpei então em vários encontros nacionais e internacionais e liguei-me ao grupo de professores de Matemática do jovem Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, completando nessa altura a minha formação profissional como aluna deste departamento. Tive por isso o privilégio de fazer parte do grupo que organizou o primeiro Profmat, em 1985, e de poder perspectivar com outros professores a criação da APM. Posso dizer, por isso, que não me fiz sócia da APM, antes sim, ajudei a constituir a associação para depois me fazer sócia dela. Foi muito claro para mim na altura que qualquer mudança a fazer no ensino da Matemática teria que passar pela intervenção organizada de um grupo muito alargado de professores. Em poucas palavras, posso dizer que sou sócia da APM porque se conjugaram vários factores, insatisfação, conhecimento de outras realidades e crença no movimento associativo.»

Mas, também para outros profissionais, já não tão jovens, este movimento foi uma oportunidade de envolvimento em novas e desafiantes aventuras, como nos conta Eduardo Veloso, sócio n.º 24: «Depois de ter sido tripulante da TAP durante trinta e tal anos, aproximando-me da idade da reforma — 60 anos —, e tendo ouvido dizer que ia abrir um mestrado em Educação Matemática na FCUL fui lá inscrever-me, para que os meus dois amores de longa data — a matemática e o ensino de matemática — se pudessem enfim concretizar...

Na realidade, nunca abandonara completamente a matemática — tinha até estado dois anos em Paris com uma bolsa

do governo francês, seguidos de dois anos como assistente de Matemáticas Gerais na FCUL e acompanhara os trabalhos de Sebastião e Silva no movimento da Matemática Moderna. E sempre que ia a New York trazia um ou dois livros...

As inscrições para o mestrado tinham já terminado, mas tive a sorte e a alegria de encontrar um companheiro de anteriores lutas políticas, Paulo Abrantes, que me encaminhou para o sítio certo, um lugar privilegiado para me integrar directamente no coração do movimento para uma melhor educação matemática: aluno livre da cadeira de Metodologia da Matemática, tendo como professor João Pedro da Ponte e como colegas, por exemplo, Henrique Guimarães, Leonor Moreira e Cristina Loureiro!

Estávamos em Outubro de 1985. Pouco tempo antes, numa reunião em Agronomia, estes e outros professores tinham decidido criar a Associação de Professores de Matemática e eu entrei assim nesse turbilhão em direcção à fundação da APM, que aconteceu em Setembro do ano seguinte. O que me levou a ser sócio da APM não tem portanto resposta simples e directa, eu diria que renasci para a matemática como sócio fundador da APM.»

Estes testemunhos fazem-nos sentir como Clara Lino, sócia n.º 33: «A APM é para mim, enquanto professora de Matemática, a minha âncora. O meu porto de abrigo. Mesmo quando me afasto, por breves ou longos períodos, sei que ela lá está. À minha espera. Para me ajudar, acudir, servir... e contar sempre com a minha prestação «para o que der e vier». Sou sócia fundadora da APM com muito orgulho. Estive, também orgulhosamente, na génese da sua formação. É com indisfarçada vaidade que me lembro daqueles dias em Portalegre...»

As razões de sócios recentes

Embora possam existir algumas razões comuns para a adesão à APM agora ou há 25 anos, outras haverá que levam profissionais com alguns anos de serviço a tornarem-se sócios agora. Apenas responderam duas sócias, Olga Seabra e Elsa Oliveira que dão um bom contributo para essa compreensão.

Olga Seabra, sócia n.º 10352: «O facto de ser professora de Matemática e desta forma ter acesso a mais informação nesta área, nomeadamente através da *Quadrante* e da revista *Educação Matemática*, nunca esquecendo os encontros promovidos por esta associação».

Elsa Oliveira, sócia n.º 10367: «Em primeiro lugar por ter acesso a uma diversidade de publicações e materiais para apoio à actividade profissional.

Uma outra razão deve-se ao facto de ter desconto na participação de encontros promovidos pela APM, bem como em material didáctico».

As razões de sócios com 25 anos de idade

Curiosamente as razões para aderirem à APM dos jovens sócios não são muito diferentes dos jovens de há 25 anos, sendo notória a influência dos professores da formação inicial, como testemunham Catarina Miranda e Conceição Tavares.

Catarina Miranda, sócia n.º 10073: «Tomei conhecimento da APM através das minhas professoras de mestrado, que já eram sócias. Estas falaram-me do ProfMat que era um encontro nacional de professores, onde havia partilha de experiências e

de conhecimentos. Desta forma decidi experimentar e fiz-me sócia da APM».

Conceição Tavares, sócia n.º 9777: «No dia 3 de Janeiro de 2008, quando frequentava o 4.º ano do Curso de Matemática e Ciência da ESE de Lisboa, eu e dois grandes colegas e amigos, fomos à APM para nos tornarmos sócios desta Associação. Tornei-me sócia da APM através do incentivo dos meus Professores da Formação Inicial. Foram eles que me deram a conhecer os Encontros Nacionais, a revista *Educação e Matemática*, a *Quadrante*... enfim... Foi com eles que descobri este grupo no qual me sinto tão bem!»

O que é a APM?

Procurámos, através, da pergunta «Se alguém lhe perguntasse o que é a APM, o que diria (numa única frase)», saber como vêem os sócios a sua Associação. Nas respostas recebidas há abordagens e registos diferentes, mas não encontramos diferenças entre sócios fundadores e não fundadores.

Alguns sócios optam por dar uma imagem, como Manuel Costa, Isabel Hortas e Conceição Tavares:

Manuel Costa, sócio n.º 92: «É uma lufada de ar fresco no panorama do ensino da Matemática».

Isabel Hortas, sócia n.º 64: «Matemática/Professores, Matemática/Professores...». Conceição Tavares, sócia n.º 9777: «A APM é uma importante referência em Portugal ao nível da investigação, da formação e da Educação Matemática em geral».

Outros referem os seus objectivos, como Fátima Mendes, Ana Paula Canavarro e Elsa Oliveira.

Fátima Mendes, sócia n.º 15: «A APM é uma associação de professores que tem como propósito a melhoria do ensino da Matemática, investindo bastante na divulgação de boas práticas e de textos que aumentem o conhecimento científico e didáctico dos seus membros».

Ana Paula Canavarro, sócia n.º 106: «Para mim, a APM é a casa dos professores que querem que os seus alunos aprendam melhor Matemática e trabalham para que isso aconteça».

Elsa Oliveira, sócia n.º 10367: «Associação que promove o desenvolvimento do ensino da matemática».

Um número significativo de sócios salienta a forma de trabalho da Associação, como Cecília Rebelo, Conceição Mesquita, João Pedro da Ponte, Olga Seabra e Catarina Miranda.

Cecília Rebelo, sócia n.º 86: «Um ponto de encontro para muitas e boas discussões acompanhadas de partilhas de ideias e de saberes».

Conceição Mesquita, sócia n.º 93: «A APM é um espaço de reflexão e uma referência para muitos professores de Matemática».

João Pedro da Ponte, sócio n.º 16: «É uma associação que congrega professores de Matemática, formadores de professores e investigadores interessados nos problemas do ensino e da aprendizagem da Matemática, tendo em vista a realização de actividades conjuntas para a resolução desses problemas».

Olga Seabra, sócia n.º 10352: «Uma associação que promove a partilha». Catarina Miranda, sócia n.º 10073: «APM é partilha de experiências e conhecimentos entre pessoas que possuem o mesmo gosto, o ensino da matemática».

O que espera da APM no futuro?>>

E, com a pergunta «O que espera da APM no futuro?» saber o que pensam que deve ser a acção da APM.

Há nos sócios fundadores da APM uma forte relação de pertença à sua Associação, por isso, a uma análise mais ou menos crítica da situação actual, seguem-se propostas de acção, que ajudarão a que a APM continue a ser como sempre foi, como diz Isabel hortas, sócia n.º 64: «Continue a ser o que sempre foi... uma Associação presente e interveniente na educação Matemática deste país, sem esquecer a componente da investigação».

No entanto, também nas linhas de acção para o futuro não há diferenças significativas entre os depoimentos pelo facto de serem ou não sócios recentes, pelo que optámos por não fazer essa distinção.

Há sócios que continuam a valorizar a Associação como espaço de trabalho colaborativo. São exemplos disso, os testemunhos de José António Duarte, Conceição Mesquita e Catarina Miranda.

José António Duarte, sócio n.º 9 (autor do hino da APM, que não podíamos de deixar de reproduzir nestas páginas): «Um espaço de debate, reflexão, produção e intervenção no âmbito do ensino da Matemática. Também de acolhimento de ideias, mais consensuais ou mais polémicas. Uma comunidade cada vez mais forte que possa dizer (como no hino) (...) gostamos de estar aqui! (...)».

Conceição Mesquita, sócia n.º 93: «Espero que a APM seja uma associação com a participação activa dos seus sócios, que continue a apontar caminhos e a proporcionar a troca de ideias e experiências.»

Catarina Miranda, sócia n.º 10073: «No futuro espero que a APM continue a evoluir acompanhando as mudanças do ensino da matemática e que continue a proporcionar momentos de partilha entre os vários membros».

Outros sócios privilegiam aquilo que pode fazer como entidade e fazem propostas de acção, algumas vezes para níveis de ensino concretos. São disso exemplo os testemunhos de Fátima Mendes, Cecília Rebelo, Elvira Santos, Alice Inácio, Ana Paula Canavarro e Elsa Oliveira.

Fátima Mendes, sócia n.º 15: «Espero que consiga prosseguir com o seu propósito de contribuir para a melhoria do ensino da Matemática, nas suas várias vertentes, e que consiga fazê-lo acompanhando as mudanças que se vão verificando ao nível da sociedade, da escola, da sala de aula e dos alunos em geral».

Cecília Rebelo, sócio n.º 86: «Espero que continue a ser uma associação de referência profissional para todos os que com ela colaboram. Espero que continue a afirmar-se com uma imagem pública de qualidade nas ideias nos projectos que leva a cabo»;

Elvira Santos, sócia n.º 67: «Espero que não seja um espaço de confronto político mas sim de apoio à formação dos professores, descentralizando a sua acção. Deve estar mais presente nas escolas através, não só, das suas publicações, mas também, de eventos que proporcionem a discussão de temas científicos e/ou pedagógicos»;

Alice Inácio, sócio n.º 133: «continue a lutar por um ensino/aprendizagem que não seja uma mecanização — como o aumento da importância dos exames pode implicar....».

Ana Paula Canavarro, sócia n.º 106: «Espero que no futuro a APM se foque naquilo que é a sua missão mais importante: proporcionar condições para que os professores possam ensinar aos alunos uma Matemática de qualidade, relevante, com o apoio de recursos poderosos. Isto implica colaboração, formação, reflexão, materiais, e uma voz capaz de se afirmar socialmente com credibilidade».

Elsa Oliveira, sócia n.º 10367: «Que continue a apoiar e divulgar actividades relevantes para a aprendizagem da matemática a todos os níveis de ensino.

Ao nível do ensino superior, em particular, considero que seria importante haver um maior apoio, interacção, troca de ideias e divulgação de actividades/investigações na área do ensino e aprendizagem da matemática, em contexto de ensino a distância».

Recebemos dois contributos de João Pedro da Ponte e Eduardo Veloso, que, para além de uma análise crítica aprofundada, propõem linhas de acção detalhadas, bons contributos para o debate que a nossa presidente, Elsa Barbosa, desafiou os sócios a fazer no editorial da EM n.º 111.

João Pedro da Ponte, sócio n.º 16: «Espero que a APM consiga congregar o universo dos potenciais interessados (presentemente só o faz de modo parcial), consiga fazer uma melhor identificação dos problemas que afectam o ensino desta disciplina (presentemente essa identificação é difusa e confusa), consiga criar projetos mobilizadores para enfrentar esses problemas (presentemente não vejo muitos projetos deste tipo), e consiga encontrar formas organizativas de promover uma participação alargada dos seus membros na realização desses projetos (que presentemente me parecem escassear). Na sequência de tudo isto, muitas outras coisas virão por acréscimo, como a influência nas escolas, a melhoria nos métodos de ensino por parte dos professores, a melhoria das condições de ensino da Matemática, a melhoria da aprendizagem da Matemática pelos alunos, o envolvimento das comunidades e a sociedade de uma forma positiva com o ensino da Matemática, o reconhecimento social do valor do trabalho do professor de Matemática, etc.».

Eduardo Veloso, sócio n.º 24: «A APM, embora seja ainda a maior e mais activa associação profissional de professores em Portugal, está a passar, depois de uma década e meia de intensa actividade, por um período de relativa estagnação e mesmo enfraquecimento, devido a causas internas e externas.

O que espero é que a APM ultrapasse a situação descrita na resposta anterior. Com a convicção de que as circunstâncias adversas referidas apenas poderão ser modificadas e ultrapassadas através de uma reflexão sobre a presente situação — franca, viva e aberta a todos os sócios — com o objectivo principal de vir a construir posições da APM sobre os principais problemas da política educativa no campo do ensino da Matemática e da educação em geral.

Os sócios da APM estão longe de ter, em relação às questões de política educativa que enunciarei em seguida, as mesmas posições de partida. Mas daí não se pode concluir que, através do referido tipo de reflexão e discussão, não se possam construir com o tempo posições da APM relativas a algumas ou a todas essas questões, sujeitas a evolução e precisão com o passar dos anos e que se tornem objectivos da luta activa da APM na sociedade portuguesa.

É necessário e urgente discutir:

- *a deficiente formação em matemática dos futuros professores* de Matemática nas ESE+s e Universidades; a comunidade da educação matemática tem mostrado pouco interesse por essa razão primeira da má qualidade do ensino de matemática;
- *o paradigma da escola do futuro*: devemos manter e retocar a escola fábrica, adequada à produção já seleccionada e classificada de trabalhadores para os diversos «postos de trabalho» na sociedade, herdada da sociedade industrial do séc. XIX (com toques de sirene de 45 em 45 ou 90 em 90 minutos) ou caminhar para um novo paradigma da educação centrado no trabalho de projecto, próprio de uma escola que não se identifica com uma preparação para a vida mas que é já uma experiência de vida em sociedade, com meios actuais de comunicação, estudo e trabalho, mantendo os alunos envolvidos em actividades interessantes e diversificadas — artísticas, científicas, literárias, tecnológicas?
- *a avaliação do desempenho dos alunos*: vamos aceitar que continue a intensificar-se o modelo em que estamos a ser cada vez mais envolvidos: exames escritos de tempo limitado, testes intermédios para puro treino, ensino afunilado em direcção aos mesmos exames, currículo reduzido aos tópicos, processos e tempos de resposta que possam ser avaliados mediante esses exames, ou vamos repensar todo o sistema, avaliando os produtos dos alunos, a apresentação oral e escrita dos projectos, tornando a avaliação um verdadeiro processo de formação de alunos e professores?
- *a política dos manuais escolares*: que devemos fazer, manter passivamente o sistema actual ou pensar numa evolução a prazo para a sua progressiva substituição pela produção de materiais para alunos e de livros auxiliares para o professor, seja em papel seja na forma de *e-book*?; e para um sistema que reconheça os meios modernos de comunicação entre os alunos e entre os alunos e o professor?
- *matemática (e arte, e música, e filosofia, e tecnologias, e...)* para todos: devemos prosseguir a actual tendência para a multiplicação e separação dos trajectos — educação/formação profissional, ciências/letras, humanidades/tecnologias, matemáticas A, B, etc. — ou devemos evoluir para um sistema que corresponda à universalidade desejável de uma educação para todos — um ramo comum para TODOS os alunos, com a eventual introdução de opções nos últimos anos de escolaridade obrigatória? Uma formação baseada na pretensa aquisição de conhecimentos e técnicas dispersas, ou uma experiência prolongada de vida e trabalho da comunidade escolar, que permita aos alunos a apropriação da rica herança cultural que foi deixada pelas gerações anteriores?

Espero que a APM termine enfim as comemorações e encontre os meios necessários para abrir uma ampla discussão entre os sócios sobre estes temas, de resto o modo ideal de comemorar os anos que se seguiram à sua criação...».

A redacção da *Educação e Matemática* agradece a todos os sócios que responderam às nossas questões e está confiante que os seus depoimentos serão um bom contributo para o debate que a APM está a realizar sobre a Associação.

Damos agora «voz» ao hino da APM!

Hino da APM

Terra imensa, forma e número lá vemos
Tanta vida, tantos laços p'ra criar
E lá longe, o infinito pretendemos
Com a APM alcançar.

Gente nova, gente velha, um projecto de uma ideia
Construímos um espaço onde criar
E hoje temos muita gente que semeia
Novos rumos, novas formas, apostar

A APM é sermos assim
A APM é sermos assim
Dizer de viva voz
Que não estamos sós
Vale a pena estarmos aqui

Matemática, uma leitura do mundo
Uma arte, forma de comunicar
Um saber, um querer lá bem no fundo
Uma ajuda a interpretar

Não é fria, nem agreste, nem se solta como o vento
Não é rocha, coisa firme sem mudar
Traz consigo, novas formas, novo alento
Tem consigo muita força p'ra nos dar

A APM é sermos assim
A APM é sermos assim
Dizer de viva voz
Que não estamos sós
Vale a pena estarmos aqui

Muita história e um passado recente
ProfMat que na capital nasceu
Portalegre foi o berço desta gente
Que ao longo de anos cresceu

Hoje é corpo, hoje é vida, hoje é Évora, alegria
Há vinte anos, que juntámos p'ra mudar
Uma luta que travamos todo o dia
Um percurso longo p'ra continuar

A APM é sermos assim
A APM é sermos assim
Dizer de viva voz
Que não estamos sós
Vale a pena estarmos aqui

Setúbal, Novembro de 2006

Letra: José Duarte (*alteração do refrão de J. C. Godinho*)
Música (gravada em CD e editada em 2006): José Carlos Godinho